As Raízes Judias do Bolshevismo

As Raízes Judias do Bolshevismo

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

As raízes judaicas do bolchevismo

“Convém que, na medida do possível, nos ocupemos do proletariado e submetamos aqueles que manejam o dinheiro.
Com este meio levantaremos as massas. Empurrá-las-emos às agitações, às revoluções, e cada uma destas catástrofes significará um grande passo para nossas finalidades.”
(Palavras do rabino Caleb na tumba de Simeon ben Jehuda, em Praga)

O texto que apresentamos aqui é, mais que uma revelação, uma acusação que só poucos têm o valor de aceitar. As culpas dos períodos mais obscuros e sinistros da história humana nunca chegam a encontrar os mais lúcidos iluminados rostos que se veem pomposamente nos episódios mais vitoriosos e esperançosos... O horror, o abominável, o irrepetível não tem rosto, é anônimo, obra do diabo perdido na mais inalcançável distância do inferno.

“Marx era judeu e o que Marx fez foi modernizar o espírito messiânico do judaísmo, prometendo a salvação neste mundo. A profecia de seu Manifesto comunista é a salvação secular do povo eleito (a classe trabalhadora) que há de ser liberado de seu cativeiro na Babilônia (a exploração capitalista) pela ira de Jeová (a revolução) para instaurar aqui o reino dos céus (a ditadura do proletariado) O redentor é o revolucionário; Satã, o capitalismo; seu povo eleito, o proletariado; e sua Igreja católica, apostólica e romana é o partido comunista, apostólico e moscovita. É como trazer Deus à Terra, com juízo final e apocalípticos incluídos.” Estas palavras não pertencem a um nazista rancoroso, nem sequer a um antissemita... correspondem ao sociólogo chileno Pablo Hunneus em seu livro *En quel tiempo*, de 1985.

Berdiaeff, por sua parte, havia escrito décadas antes: *“O mesmo afã de uma bem-aventurança terrenal, próprio do povo hebreu, o encontramos no socialismo de Marx [...] Mas a ideia messiânica de outrora em que o povo hebreu era o povo de Deus se conserva sempre, com a diferença de que agora seu peso recai sobre uma classe determinada: sobre o proletariado.”*

O comunismo é intrinsecamente judeu. Um dos mais célebres cavalos de Troia, como tantos outros que usa este grupo racial. Para ninguém é surpresa que Marx era um judeu, descendente de uma família com longa tradição de talmudistas, membro permanente de organizações sionistas, devoto de rabinos e mais ainda autor do livro *A questão judaica*, desconhecido inclusive entre muitos de seus seguidores, onde pode advertir-se claramente sua filiação absolutamente sionista e messiânica. Nos últimos anos se inventou a falsidade de que Marx era *filho de cristãos*, de judeus convertidos ao catolicismo, tentando criar com isso alguma distância entre sua evidente relação com o mundo judeu. Em outros casos, se exageram algumas das expressões de Marx contra a própria idiossincrasia monetária judaica, tentando apresentá-las como provas de um suposto *antissemitismo*.

Também o era seu colega Friedrich Engels e, por suposto, Karl Kaus, alias Karl Kautski. De fato, o verdadeiro nome do ideólogo do movimento *proletário* era Raim Mordochai Kissel, ainda que adotasse o pseudônimo de Karl Marx para a posteridade, desencadeando esta costumeira enfermidade dos esquerdistas por ocultar suas identidades sob estranhos apelidos ou nomes artísticos. Tal costume não se extenderia somentemente entre os políticos marxistas, mas também entre artistas, escritores e todo tipo de simpatizantes.

Alexandre II da Rússia passou à História como um dos czares mais benevolentes e piedosos com a comunidade judaica da Rússia. Não só escutou suas alegações, mas cometeu o mesmo erro que os caldeus, persas, gregos e romanos: crer que lhes seriam leais consentindo em suas solicitações. O complacente Alexandre morreu assim, em 1881, quando seus agradecidos hóspedes o assassinaram em um atentado perpetrado por um comando marxista, liderado pelo judeu Vera Figuez. A judearia russa havia traçado já um plano sinistro para a Rússia, e não havia favor algum que lhes fizesse mudar de ideia. Foi assim o primeiro soberano vítima do marxismo judeo-sionista.

Após a morte de Alexandre III, em 1894, que se comportou obviamente como um anti-judeu ante a traição de que havia sido objeto seu

pai, subiu ao trono Nicolau II, mais tolerante com a comunidade judaica russa. Era o tempo dos *pogroms*, nome que se deu aos cruéis movimentos populares contra os judeus, produto da crueldade e do abuso do que o povo russo havia sido objeto por parte dos judeus em seus dias de plenas liberdades. Mas Theodor Herzl, fundador do sionismo político, já havia estabelecido com anterioridade em *O Estado judeu* o propósito de arrastar a Rússia a uma revolução: *"Somos uma nação, um povo... quando os judeus nos humilharem, seremos revolucionários, seremos os suboficiais dos partidos revolucionários. Ao elevarmo-nos seremos sublimes também no inmarcescível poder do eterno judaísmo..."*

O marxismo como tal e a comoção na Rússia já vinham sendo gestados detalhadamente por aquele então. O historiador judeu Simón Dubnow disse que, exatamente no mesmo ano em que se fundou em Basileia a Organização Sionista (em 1897, quando foram redigidos *Os protocolos dos sábios de Sião*), se criou em Vilna uma associação socialista secreta denominada Bund, que desenvolveu uma propaganda revolucionária entre as massas judias em sua língua, conhecida como *iídiche*. Do Bund nasceram partidos mistos, formados por sionistas e socialistas: os Polae Sión e os Socialistas Sionistas. Estes partidos haveriam iniciado abertamente a luta contra o governo russo, conseguindo como primeiro êxito a revolução de 1905.

A fórmula usada através do Bund se tentou repetir setenta anos depois no Chile, a princípios dos anos 70, quando chega ao governo o maçom judeu Salvador Allende Gossens e os partidos de esquerda agrupados na UP, a Unidade Popular. Hoje se sabe que, tanto os partidos marxistas da UP, como seus máximos dirigentes judeus ocupando cargos públicos e os diretores de outras agrupações *fachadas* da judiaria que simpatizava com a UP, estavam concentrados ao redor de uma organização semi-secreta que atuava nas sombras da esquerda e da maçonaria do governo, uma versão chilena do Bund da Rússia: a FIS, ou a Frente da Esquerda Sionista.

Dubnow acrescenta que *"os revolucionários judeus participaram nos partidos socialistas russos, nas manifestações estudantis, nas greves operárias e nos atos terroristas contra os governantes..."* Foi a partir deste

movimento sionista-socialista que, trás divisões por diferenças internas, surgiram os *bolscheviks* (os bolcheviques, do programa máximo) e os *menscheviks* (os mencheviques, do programa mínimo) Aqui surgiu a figura do judeu Vladimir Ilitch, alias Lenin, como líder dos bolcheviques.

A repressão oficial e os intentos de acabar com o movimento frearam muitos agitadores judeus que se moviam entre os trabalhadores disfarçados de líderes sindicais, porém não conseguiu alterar a estrutura secreta que gestava a revolução, pois o judaísmo é engenhoso ao manter-se operando nas sombras e através de panfletos e veículos expiratórios, como o bolchevismo. Em 1904, o czar Nicolau II suavizou sua política em relação aos judeus e aos bolcheviques, quem reforçaram ainda mais sua atividade revolucionária em 1905, com motins e revoltas. Então o czar se alarmou e não voltou a conceder nada ao conglomerado judeu, cuja força política já era um feito inegável.

Em 1908, depois de três anos de dura agitação, os judeus Appelbaum Zinovief, Rosenfeld Kamenev e Lênin se reuniram em Paris para planejar uma nova etapa de agitação. *"Não é por acaso que tenham ingressado nas hostes revolucionárias russas tantos judeus"*, diz Pierre Charles em *A vida de Lênin*.

Foi o escritor judeu Josef Kanstein que, em sua *História e destino dos judeus*, quem admitiu que a Revolução Russa foi propiciada pelas forças do judaísmo internacional quando milhares e milhares de judeus norte-americanos que pretendiam emigrar à Rússia — os quais já haviam acumulado grande número de pobres judeus provenientes de todo o mundo e posteriormente repatriados a Israel — foram rejeitados, ao que se respondeu com uma forte pressão diplomática por parte de sua comunidade, para reativar um velho e esquecido tratado comercial entre Estados Unidos e a Rússia czarista que, a esta última, já resultava muito prejudicial. Com a crise gerada a partir deste tratado, que culmina com a morte do czar Nicolau II, o judaísmo provoca o estalido revolucionário de 1917, de um modo muito parecido ao que empregaram os maçons enciclopedistas para agitar os ânimos das massas durante a Revolução Francesa. Era, simplesmente, a repetição de uma velha receita. A prova

está em que estes judeus se foram para além e logo se instalou o *soviet supremo*.

Há uma fotografia quase impossível de conseguir hoje em dia, pois todas as suas cópias foram destruídas em favor da mentira. Assim como os *Protocolos de Sião*, a posse dela nos anos 30 era motivo de execução na Rússia. Corresponde à primeira sessão do governo comunista, em que se observa que todas as autoridades soviéticas eram altos representantes do judaísmo. Sentados, da esquerda para a direita da mesa, se veem a Urisky, o judeu Trotsky, a Swerdlow, a Sinawjew, a Fayerman, e logo à extrema direita, a Michail.

O método com que os judeus tentaram pôr-se a salvo e ocultar-se da repressão antirrevolucionária foi simples e astuto: em grupos mais ou menos numerosos se trasladavam aos Estados Unidos, se nacionalizavam ali, regressavam à Rússia e faziam valer sua nova cidadania como filhos de uma nação poderosa. Em isso eram ajudados por sua numerosa colônia judaica radicada nos Estados Unidos, que naquele então chegava a uns 3 milhões e que influía nos círculos financeiros e políticos do mesmo modo que hoje. Sabe-se com certeza, ademais, que grande parte do dinheiro que alimentou estes processos revolucionários pertencia ao sinistro clã judeu dos Rothschild, donos da Bolsa de Londres e fundadores da Comissão Trilateral, junto com os judeus americanos Rockefeller, organismo que resultou fundamental na expansão do imperialismo norte-americano. Seus nomes aparecem e reaparecem também nos episódios mais escandalosos da história do século XX, como na Guerra Bôer da África do Sul, onde participaram notavelmente em favor de entregar a nação aos judeus ingleses e a seus fiéis servidores, os negros.

Na Suíça se encontrava Lênin desterrado, junto com outros judeus do movimento marxista. Desde ali dirigiam a agitação na retaguarda do exército russo que combatia contra a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Junto com Zinoviev e Kamenev, Lênin alentava desde o desterro os revolucionários para que contribuíssem à derrota da Rússia na guerra que sustentava contra Alemanha e Áustria.

Em seu periódico social-democrata de 27 de julho de 1915 dava a seguinte consigna:

"os revolucionários russos deviam contribuir praticamente para a derrota da Rússia."

Proclamava que isto abriria o caminho à revolução. Lênin apoiava a derrota da Rússia de maneira que os alemães lhe permitiram passar por Berlim para que se internasse na Rússia e inclusive o ajudaram economicamente, já que sua ação debilitava o exército russo. Assim como Lênin pôde chegar a São Petersburgo, onde um número de 30.000 revolucionários, acaudilhados pelo judeu Trotsky, haviam organizado o quartel-general do movimento marxista revolucionário. Pouco depois se uniram mais judeus, como Stalin e Ouritsky.

Finalmente, a revolução judaica da Rússia estalou em 7 de novembro de 1917, auxiliada por numerosos banqueiros estadunidenses judeus como Jacob Schiff, Felix Warburg e Olof Axsherg. Uns a buscavam com o instrumento que o judeu Marx lhes havia herdado em *O Manifesto comunista* de 1848 e outros a procuravam com o instrumento do ouro e das finanças. O czar foi detido e entre as primeiras retificações políticas figurou a abolição das restrições jurídicas impostas aos judeus. Toda tendência política prejudicial ao judaísmo foi declarada fora da lei por decreto de julho de 1918. O czar e sua família foram assassinados ritualmente no dia 3 de julho de 1918 por comissários judeus, fuzilados em uma peça cheia de inscrições hebraicas e símbolos cabalísticos que foram documentados pelos testemunhos do crime.

Lênin iniciou de imediato a cruel perseguição da Igreja ortodoxa russa, mantendo a proscrição que se manteve por Stalin e seus sucessores durante quase toda a existência da União Soviética, sem que se tocassem jamais as sinagogas de seus chefes rabínicos e obscuros, o que nos faz suspeitar da veracidade daquela teoria que propõe que o marxismo teria sido criado, inicialmente, para destruir as religiões não judaicas, pois para o judeu só uma fé tinha cabida: a fé judaica... E só uma raça pode acessar a esta fé: a raça judaica.

Cumpria-se assim a fatal sentença de Marx, o criador desse monstro que agora corria solto pela Europa: *"o judaísmo é a morte do cristianismo."*

Com a morte de Lênin as coisas piorariam. Se bem é certo que o judeu Leiba Davidovich Bronstein, alias Leão Trotsky, era o representante mais fiel da linha marxista judaica desenvolvida por Lênin para a realidade russa, só uma política de Estado tão tirânica como a do judeu Josef Stalin, assessorado pelo clã judeu dos Kaganovich, pôde permitir ao comunismo assegurar sua existência íntegra para os anos vindouros, incrustando-se na Rússia como uma sanguessuga. Quando os comunistas de hoje renegam de Stalin, simplesmente renegam de si mesmos, pois embora tenham trasladado a Cuba seu horizonte, como ocorre hoje, só com Stalin se pôde afirmar na Rússia o tumor marxista judeu, para estendê-lo pelo resto dos países do terrível Pacto de Varsóvia e por todo o mundo. O comunismo é um sistema demasiado antinatural e forçado como para existir sem que caia por seu próprio peso através da ideologia trotskista. Stalin, apoiado pelo militarismo e pelas práticas cruéis, pôde fazer funcionar pela força os baixos ideais do comunismo, até a medula da sociedade russa. Prova disso é a forte crise russa vinda depois de sua morte, quando os hierarcas judeus tentaram fazer-lhe algumas leves variações ao modelo stalinista.

Há fotos com dos humildes camponeses de Leningrado vendendo como alimento pedaços de cadáveres, entre os quais se destacam o corpo de uma criança e a cabeça de um difunto. Estes eram os episódios de fome gerados pelo reajuste do ar forçado pelos hierarcas do comunismo, todos eles judeus vivendo em palácios de *"o governo do proletariado."* Era a forma real e efetiva em que o marxismo judeu tratava o trabalhador e ao mesmo homem modesto que o enchia de promessas. Em Nuremberg teria bastado apenas uma fotografia como esta para condenar à morte o governador de uma comarca ou qualquer líder local. Poucos eram os que tinham real consciência de que cenas muito parecidas a esta ou às que se veem em Cuba de Castro podiam ter lugar no Chile, não fosse pela intervenção militar no golpe de 1973.

O custo da ação assassina de Stálin está descrito, dia após dia, em mais de uma fonte. Os cálculos falam inclusive de uns 200 milhões de pessoas assassinadas sob os setenta anos de tirania marxista-judaica dos países soviéticos, executadas – por suposto – com as melhores armas dos servidores de Jeová: o terror e a fome.

Henry Ford, em *O judeu internacional*, escreveu que "o soviete não é uma instituição russa, mas judaica." Acrescenta que ao triunfar a Revolução Bolchevique, o novo regime foi integrado predominantemente por judeus.

Coincidindo com tudo isso, o jornal russo *Rumo a Moscou*, de setembro de 1919, declarava: "Não se deve esquecer que o povo judeu, reprimido durante séculos por reis e senhores, representa genuinamente o proletariado, a Internacional propriamente dita, o que não tem pátria..."

E o cronista judeu Cohan escrevia em *O comunista* de abril de 1919: *"Pode-se dizer sem exagero que a grande revolta social russa foi realizada só por mãos judaicas... O símbolo do judaísmo, que durante séculos lutou contra o capitalismo, converteu-se também no símbolo do proletariado russo, como resulta da aceitação da estrela vermelha de cinco pontas que, como é sabido, foi antigamente o símbolo do sionismo e do judaísmo em geral…"*

O mecanismo dos movimentos sociais que chegam a erguer-se em crenças místicas ou pseudo-místicas está representado no marxismo e em sua natureza judaica. Algo desse estilo assinala Max Eastman ao afirmar que "o comunismo é uma doutrina que não pode ser científica, pois é exatamente o contrário: religião."

E algo muito semelhante assinala Gustave Le Bon em *Ontem e amanhã*: "As crenças de forma religiosa, como o socialismo, são inamovíveis porque seus argumentos não fazem mossa em uma convicção mística... Todos os dogmas, os políticos sobretudo, se impõem geralmente sobre as esperanças que fazem nascer e não nos raciocínios que invocam... A razão não exerce influência alguma sobre as forças místicas..."

Muitos autores, seguindo o amém do materialismo marxista e as sentenças de Marx e Lênin de que “a religião é o ópio do povo”, consideram parte do ateísmo totalitário sua atitude de destruição das religiões locais nos países onde o câncer comunista encontrou abrigo ao longo da História. Sua guerra não é só contra o cristianismo, como muitos creem: a invasão sacrílega da China ao Tibete, por exemplo, teve conotações religiosas desde o princípio, especialmente na perseguição do lamaísmo, que, dito de passagem, leva já 1 milhão de tibetanos mortos.

Nós nos perguntamos, no entanto, se é na realidade o ateísmo o que motiva a inclinação do marxismo de aniquilar as demais religiões? Salvo pelos encontros de Stálin com alguns grupos judeus durante sua tirania, a religião permitida implicitamente, e às vezes até protegida do marxismo, foi a judaica. As demais encontraram historicamente não menos que tormentos e perseguição despiadada nas garras do predador da ditadura comunista. Apesar de a Revolução Russa dever interpretar o sentido do povo russo, cristão ortodoxo por gerações, um dos primeiros atos da revolução foi destruir as imagens sagradas da fachada da prefeitura de Moscou, colocando em seu lugar a maldita frase: “A religião é o ópio do povo.” Poderia ser esta obra dos próprios russos, que levavam quase mil anos de convertidos ao cristianismo, indo contra si mesmos, ou definitivamente há uma mão intervindo desde outro lado, desde outro credo?

O Tenente-Coronel Carlos Berzunza escreveu o seguinte: “Numerosas igrejas foram convertidas em teatros. A revolução iniciou então a luta contra todas as religiões, por todos os meios... Proibiu-se o ensino religioso a menores de dezoito anos. A Igreja protestou. De 900 conventos, 722 foram arrasados.”

As posteriormente chamadas purgas dos bolcheviques contra a resistência cristã eliminaram pela força os focos de religiosidade rebelde dos primeiros anos da revolução: 29 bispos e 1.219 sacerdotes caíram nessa repressão seletiva, enquanto as sinagogas permaneciam intocadas.

Até o dia 7 de novembro de 1923, nas purgas haviam sido assassinados 6.000 professores, 9.000 médicos, 54.000 oficiais, 260.000

soldados, 70.000 policiais, 12.000 proprietários, 355.000 intelectuais e escritores, 193.290 operários e 815.950 camponeses, em maior ou menor grau culpados de oposição. Essa carnificina anticristã era publicitada alegremente pelos comunistas alegando seu direito de desfazer-se dos inimigos do Estado (dos judeus do Estado, deve-se dizer).

Eis aqui um holocausto real, que ninguém chora e pelo qual os judeus sionistas do Bund ou das fileiras bolcheviques nunca pagaram indenizações milionárias para fundar um Estado novo, nem inauguraram monumentos, nem acenderam candelabros com velinhas emocionadas...

“Na Rússia, 80% dos líderes soviéticos são judeus. Em Budapeste, 17 dos 22 comissários do povo são judeus. Não será que o bolchevismo é a vingança dos judeus contra o cristianismo? É um assunto que certamente vale a pena refletir. É perfeitamente possível que o bolchevismo se afogue no sangue de um pogrom de proporções catastróficas. As finanças mundiais estão nas mãos dos judeus. Quem possui os bancos das nações controla sua política. Atrás dos bonecos de Paris estão os Rothschilds, os Warburgs, os Schiffs, os Guggenheims, que são do mesmo sangue dos mestres de São Petersburgo e Budapeste. A raça não trai a raça. O bolchevismo é defendido pela plutocracia internacional. Essa é a verdade essencial. A plutocracia internacional, dominada e controlada pelos judeus". **– Benito Mussolini, Il Popolo d'ltalia de 4 de junho de 1919.**